



# VI Simpósio Nacional de HISTÓRIA CULTURAL

Escritas da História: Ver - Sentir - Narrar

## **A POLÍTICA NO FRONT DO COTIDIANO: PRÁTICAS JUVENIS MICROPOLÍTICAS NOS ANOS 1970 EM TERESINA**

Francisco José Leandro Araújo de Castro\*

O trabalho busca compreender o processo de constituição de subjetividades dissidentes, desviantes, devires-minoritários, no início da década de 1970, em Teresina–PI, tendo como objeto de estudo e reflexão uma camada da juventude desta cidade, mais especificamente um setor da classe média teresinense, formada por Durvalino Couto, Edmar Oliveira, Paulo Mourão, Arnaldo Albuquerque, Torquato Neto, entre outros. Composta, sobretudo por jovens comprometidos com as mais diversas formas de expressão artística: cinema, literatura, artes plásticas, música, etc. No começo da década de setenta marcaram de forma contundente a cidade pela sua forma de expressão avessa às formas oficiais de linguagem. Entendendo que essas práticas se caracterizam como micropolíticas, pois questionam a produção de subjetividades normatizadas dentro da lógica capitalística.

Na produção estaria presente a intenção de romper com a estética, e conteúdos das formas tradicionais de expressão e comportamento impostos, ao mesmo tempo criando espaços existenciais. Na filmografia experimental e na produção de jornais

---

\* O autor é licenciado em História pela universidade Estadual do Piauí, e mestrando do programa de Pós-graduação em História do Brasil, PPGHB pela Universidade Federal do Piauí. É vinculado ao grupo de pesquisa: História, Teatro, Música e Estética, (Capes CNPq).

alternativos teresinenses do início da década de setenta, percebe-se que a intenção é a constante quebra, ruptura do padrão dominante de comportamento, e com as formas dominantes de se fazer arte. Uma mudança cultural que se processava no momento, em vários centros urbanos no Brasil. De acordo com Hall (2003), a mudança cultural pode se processar a partir de metáforas, que também mudam, “apoderando-se da imaginação e permitindo pensar o que aconteceria se as hierarquias fossem derrubadas e se os valores culturais fossem questionados e substituídos por novas configurações e significados”<sup>1</sup>.

Pretende-se, sobretudo, observar como a juventude *underground* produzia devires minoritários, materializando em seus próprios corpos outras subjetividade. Porém uma subjetividade errante, desviante, uma máquina de guerra nômade, em contraponto a uma subjetividade normatizada, produzida por agenciamentos de enunciação. Sob o ponto de vista de que, no momento sob o signo do regime civil-militar, as práticas repressoras cotidianas cada vez mais buscavam criar interditos às diferentes singularidades subjetivas.

Subvertendo a lógica da utilização das novas ferramentas tecnológicas no momento à disposição da juventude *underground*, criou-se uma nova forma de se ressignificar seus usos. Utilizando o super-8, por exemplo, como uma ferramenta tática na sua forma de burlar os códigos linguísticos dominantes e de cartografar suas linhas de fuga

A intenção da super-8 era fazer um filme da família, era família as pessoas comuns terem acesso ao cinema, era poder filmar festas de casamento, era você filmar o nascimento do seu bebê, então era essa a intenção da Kodak, mas só que as pessoas começaram a fazer cinema com essa bitola, e isso já existia no mundo inteiro, e no Rio de Janeiro e São Paulo, e o Torquato trouxe esse negócio para cá, então nós começamos a filmar<sup>2</sup>.

Nesse ponto, a utilização do Super-8, e a produção de jornais alternativos por parte da juventude *underground*, no que se refere ao campo subjetivo, pode funcionar como um vetor de reapropriação da mídia, podendo subverter a modelização da

---

<sup>1</sup> HALL, 2003, p. 219

<sup>2</sup> COUTO, Durvalino. *Depoimento* concedido a Francisco José Leandro Araújo de Castro em 11.05.2011.

subjetividade pelos *mass media*. Dentro dessa lógica, como sugerem Guattari e Rolnik (2010) quando nos falamos sobre as revoluções moleculares, que são como “vírus contaminando o corpo social em sua relação com o consumo, com a produção, com os meios de comunicação, com a cultura”<sup>3</sup>, essa reapropriação midiática funciona como ponto fulcral no processo de constituição das singularidades juvenis.

No que se refere à questão da subjetividade, ponto central neste trabalho, pois este aborda a constituição de linhas de fuga subjetivas, ao mesmo tempo percebendo a amplificação de modelizações subjetivas cotidianas no espaço de uma cidade como Teresina-PI, conectada com o ideal de modernização autoritária característico do regime civil-militar no Brasil. Essa pretensa modernidade tentava se legitimar pelos ideais de progresso difundidos pelo regime, ligados ao propalado milagre econômico. Portanto para além do pensamento modernizador homogeneizante típico do período, buscamos pensar a questão de subjetividades desviantes, podemos definir a subjetividade, como sugere Félix Guattari (1992), quando nos diz que esta se caracteriza pelo

conjunto das condições que torna possível que instâncias individuais e/ou coletivas estejam em condição de emergir como *território existencial*, auto-referencial em adjacência ou em relação de delimitação com uma alteridade ela mesmo subjetiva (GUATTARI, 1992, p.19)

Do ponto de vista da emergência desses territórios existências e da produção de subjetividades errantes, podem existir linhas de singularização, em vias de se constituir, em processos sempre abertos a devires-menores. Segundo Guattari e Rolnik (2010) o modo como os indivíduos vivem a subjetividade oscila entre dois extremos podendo ser

uma relação de alienação e opressão, na qual o indivíduo se submete à subjetividade tal como a recebe, ou uma relação de expressão e de criação, na qual o indivíduo se reapropria dos componentes da subjetividade produzindo uma singularização (GUATTARI e ROLNIK, 2010, p.65)

A juventude *underground*, desenvolve, desta forma, suas próprias distâncias com relação à subjetividade normatizada, cartografando seus processos de singularização, indo contra os dispositivos de produção de subjetividade, com práticas de desvio no sentido de uma re-singularização individual e/ou coletiva. Neste ponto,

---

<sup>3</sup> GUATTARI E ROLNIK, 2010, p. 55

tem-se a percepção que a “subjetividade é fabricada também nas grandes máquinas sociais *mass-mediáticas*, linguísticas”<sup>4</sup> e sobretudo ao que se refere no plano urbanístico, ao processo de organização do traçado da urbe, neste caso a cidade de Teresina-PI, tendo em vista que as cidades “são imensas máquinas produtoras de subjetividade individual e coletiva”<sup>5</sup>

Um dos elementos centrais utilizados pela juventude teresinense, no sentido de criar suas singularizações, é o campo da arte e da linguagem artística, enquanto forma de produzir seus territórios existenciais, pondo em evidência a realidade e a informação, entendendo que a comunicação sob a forma linguística pré-estabelecida, traz em si o substrato de dominação subjetiva, portanto é preciso criar novas formas de comunicar-se, romper com a linguagem tradicionalmente aceita, enrijecida, solidificada como demonstra o trecho a seguir

Levando o raciocínio às últimas consequências, não existe criação nenhuma se não houver proposta distanciada de todos os esquemas e códigos de domínio público. Informação é desinformação. Ou para ser mais claro, para que se criem situações absolutamente novas no campo da arte é mister que se proponha sempre o incomunicável (à primeira vista, claro), para que seja adquirido o grau máximo de desligamento de formas já admitidas e “reconhecidas” pelo sistema. As formas redundantes não informam nada; apenas reiteram e reelegem elementos já digeridos e admitidos pelo consenso. (PÊJOSÉ, *Prata lindástica facada!*, Jornal GRAMMA, ed. Nº 1, 1972)

O trecho do jornal alternativo *Gramma*, mostra que era preciso refundar a linguagem, tendo em vista que a mesma, em um ambiente marcadamente repressor, pode operar dentro de um acordo tácito legitimando a lógica de poder. Entendendo que a linguagem é lugar privilegiado da produção da realidade, e as palavras já “admitidas e reconhecidas pelo sistema” representam o léxico desse poder. Uma metáfora interessante do que se refere a relação linguagem e poder, vê-se na obra 1984, de George Orwell, onde percebe-se que a ditadura implantada na imaginária Oceania, tentava gradativamente manter o poder através de um controle sobre o raciocínio das pessoas, tendo diminuído o dicionário da população. Portanto, através dessa analogia, podemos pensar que no contexto em questão pairava sobre as pessoas, as opiniões,

---

<sup>4</sup> GUATTARI, 1992, p.20.

<sup>5</sup> GUATTARI, 1992, p.172.

diversos interditos, vivia-se uma época onde não se podia falar de qualquer coisa, a qualquer hora. E, neste ponto, a criação de um novo campo semântico se faz necessário pois “o combate das palavras não ditas contra as palavras já ditas permite a ruptura do horizonte dado, permite que o sujeito se invente de outra maneira, que o eu seja outro”<sup>6</sup>.

Esse novo horizonte passa pela linguagem, de acordo com Jorge Larossa (2006), é necessário não deixar que as palavras se solidifiquem e nos solidifiquem, portanto faz-se necessário “manter aberto o espaço líquido da metamorfose”<sup>7</sup>, pois “só assim se pode escapar, ainda que provisoriamente, à captura social da subjetividade”<sup>8</sup>. A linguagem artística já solidificada e sob a tutela dos mecanismos aprisionadores é posta em suspeição no ponto de se propor fundar novos signos linguísticos.

Parte da juventude, neste momento, problematizava a questão da realidade social, pois a realidade é construída por inúmeras práticas discursivas muitas vezes aprisionadoras do indivíduo. Torquato neto pensava as produções de filmes experimentais enquanto táticas desviantes nas brechas de um sistema repressor, cerceador e autoritário, produzindo uma micropolítica do desejo, utilizando o Super-8 enquanto elemento capaz de subverter a lógica tradicional de pensar essas produções.

a realidade é um muro e tem suas brechas, olhe por elas, fotografe, filme: curta fazendo isso [...] experimente filmar e veja como você vai se ligar, sinta o drama [...] o quente é filmar. Tente [...] o negócio é transar com a imagem.<sup>9</sup>

Para pensar a questão de uma micropolítica dessas produções alternativas, no sentido de cartografar seus processos de singularização, podemos operacionalizar através de conceitos de Guattari (2010), quando este diz que as instâncias de luta sociais se processam a dois níveis: um nível “molar” e outro “molecular”. A instância atribuída ao nível molecular, que nos interessa nesse trabalho, se refere aos processos de ruptura com o modo de subjetivação da subjetividade capitalística<sup>10</sup>. Do ponto de vista do

---

<sup>6</sup> LAROSSA, 2006, p.40

<sup>7</sup> LAROSSA, 2006, p.40

<sup>8</sup> LAROSSA, 2006, p.40

<sup>9</sup> NETO, Torquato, Vamos transar com a imagem. *Jornal A Hora fatal*, 18 de junho de 1972.

<sup>10</sup> Para Guattari o conceito de sistema capitalístico é mais amplo por levar em conta não apenas o fator político e econômico. Mas entende o sistema também enquanto produtor de subjetividades. As esferas

processo de constituição das subjetividades no capitalismo mundial integrado, são diversos os mecanismos e engrenagens de fabricação dos sujeitos. Entre as mais notórias a própria TV. Neste ponto, o ano de 1972 marca a produção do jornal *Gamma*, e marca também na Terra de Antares<sup>11</sup>, os primeiros anos de funcionamento desse veículo de comunicação *mass mediática*. Tendo em vista seu aparato informacional, mas, sobretudo comercial, Paulo José Cunha, através de imagens, fragmentos, colagens, faz a crítica, através da poesia concreta, da relação entre a TV e a produção do consumismo massificado. Pululantes imagens na página do jornal metaforizam as cabeças sendo guiadas pela máquina, produzindo uma relação de dependência entre aquilo que é veiculado pelos aparelhos de TV, e aquilo que pensamos e reproduzimos de imediato. Vê-se, portanto, além dos signos das imagens a poesia concreta a seguir, a dar ênfase à relação entre as *mass media* e a lógica de produção subjetiva.

ver ter

ter ver

in (front – all)l position

ver/ter | ter - te

ter/ver | ver – te

ima(gens)

propag & a n d a a a a

/ ver/ cor/ rer/ ima/ gens/

Vi § Deo:

comer = ceiar

comer + ciar

comer & cial

igual =

entreter | ver    entrever | ter

ver | entreter    ter | entrever

6

---

produtoras de subjetividades dentro CMI (capitalismo mundial integrado) ver GUATTARI, Félix E ROLNIK, Raquel *Micropolítica: Cartografias do desejo*. Petrópolis: Vozes, 2010.

<sup>11</sup> Designação encontrada no jornal *Gamma*.

VI Simpósio Nacional de História Cultural  
Escritas da História: Ver - Sentir - Narrar  
Universidade Federal do Piauí - UFPI  
Teresina-PI  
ISBN: 978-85-98711-10-2

ENTREVERTER

e,

desesperadamente

querer

o aparelho de te ver

o aparelho de TV

- baratnitésticas imagens !

- colorimagnísticas atrações !

e,

em meio à mass / a chakra – valcanti

assistir

no próximo comercial:

prata lindástica facada

rubrovermelho sangue

- a morte -

via satélite

- no ar !

em edição nacional<sup>12</sup>

7

Como se percebe um dos pontos centrais da poesia, encontrada no jornal *Gramma*, é a temática em torno da veiculação e propagação de valores sociais pelos meios de comunicação em massa, nesse caso a TV, ainda incipiente na cidade de Teresina. De acordo com José Pereira Bezerra (1993), o período que marca os anos iniciais da década de 1970, são marcados pelo surgimento da “caixa infernal”, que faz com que o Piauí passe a integrar, via satélite, a “aldeia global”, preconizada por MacLuhan. Ainda segundo Bezerra, “foi a televisão, embora de canal único e de qualidade discutível (aliás, isso foi tema de muitos debates), que alterou costumes familiares e sociais”<sup>13</sup>. Como se pode perceber através do relato, a TV serviu, em

<sup>12</sup> CUNHA, Paulo José. In: GRAMMA. Teresina: mimeografado, Novembro de 1972, nº 2, p.16

<sup>13</sup> BEZERRA, 1993, p .08.

grande medida, para produzir vivências de acordo com a lógica capitalística. Segundo Edmar Oliveira: “A coisa é simples: A televisão é um belo móvel desde que se mantenha desligada.”<sup>14</sup>

Nesse ponto de vista Rolnik e Guattari (2010) falam sobre a questão dos “equipamentos coletivos”, de vida cultural, (escolas, universidades, mas também a mídia). Estes ganham importância desmedida dentro da lógica capitalística, pois constituem o estado em sua função ampliada. Porém os mesmos consideram que “o desenvolvimento da subjetividade capitalística traz imensas possibilidades de desvio, de reapropriação”<sup>15</sup>. Esse desvio e reapropriação, dentro da lógica da luta social, no entanto, são possíveis levando em consideração o campo da economia subjetiva, levando à criação de microvetores de subjetivação singular.

De acordo com Rolnik (2010), a partir dos anos 1960/1970, em alguns países ocidentais e no Brasil conseqüentemente, o território restrito das vanguardas artísticas e culturais e tomam vulto numa ampla e ousada experimentação cultural e existencial, e isso faz com que a política de subjetivação fosse questionada, propiciando a emergência de novos signos subjetivos, compondo um quadro de:

uma reação epidérmica à sociedade disciplinar, própria do capitalismo industrial, com sua subjetividade e cultura identitárias que compunham a figura do assim chamado “burguês” em sua versão hollywoodiana do pós-guerra (ROLNIK, 2010, p. 16.)

O processo de constituição de devires-minoritários em contraposição a uma subjetividade padronizada, normatizada se materializa nos corpos transgressores juvenis no espaço urbano teresinense, portanto parte da juventude inventa táticas<sup>16</sup> de desvio que são perceptíveis acima de tudo por se refletirem no âmbito do cotidiano através de rupturas comportamentais, de maneiras de agir, e suas manifestações micropolíticas. Essas linhas de fuga se materializam desta forma no corpo juvenil, avesso à práticas de serialização, normatização.

---

<sup>14</sup> OLIVEIRA, Edmar. Jornal Hora fatal, 18 de junho de 1972.

<sup>15</sup> GUATTARI E ROLNIK, 2010, p.47.

<sup>16</sup> O conceito de tática aqui utilizado é de CERTEAU, que se caracteriza como “em suma a tática é a arma do mais fraco” e é caracterizada “pela ausência de poder” (CERTEAU, 1994, p.95)





(Zé Alencar, Edmar Oliveira e Carlos Galvão. Arquivo pessoal)

A imagem mostra uma parcela do grupo juvenil *underground* consumindo o espaço urbano teresinense no início dos anos 1970. Contudo esta imagem deixa transparecer, antes de tudo, as práticas juvenis cotidianas do grupo. Um tipo de vestimenta não usual, os cabelos compridos problematizando as questões de gênero e ao mesmo tempo como tática de fuga à uma subjetividade normatizada. Práticas incomuns capazes de problematizar as condutas tidas como ideais, condutas essas legitimadas por subjetividades totalitárias e articuladas a um único modo de pensar e se comportar. Essas práticas da juventude *underground*, provocam desta forma, curtos-circuitos nos espaços praticados pela juventude teresinense. A imagem, portanto, caracteriza a materialização de uma subjetividade errante, desviante, um devir menor, avesso a um comportamento tido como ideal.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO NETO, Torquato. *Todos os dias de paupéria*. São Paulo: Max Limonad, 1982.

BEZERRA, José Pereira. *Anos 70: Por que essa lâmina nas palavras?* Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1993.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do Cotidiano 1 — artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994.

GUATTARI, Felix; ROLNIK, Suely, *Micropolítica: cartografias do desejo*. Petrópolis: Vozes, 2010.

GUATTARI, Félix. *Caosmose: um novo paradigma estético*. Trad. Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. São Paulo, 1992, Ed. 34. 208 p. (Coleção TRANS)

\_\_\_\_\_. *Revolução molecular: pulsões políticas do desejo*. São Paulo: Brasiliense, 1981.

HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003. P. 219.

ROLNIK, Suely. *Políticas da hibridação: Evitando falsos problemas*. Em Cadernos de subjetividade. Núcleo de Estudos e Pesquisas da Subjetividade Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica Pontifícia Universidade Católica de São Paulo 2010 Endereço eletrônico: <http://revistas.pucsp.br/index.php/cadernoss subjetividade>

LAROSSA, Jorge. *Pedagogia Profana: danças, piruetas e mascaradas*. 4ª ed. Belo Horizonte; Autêntica, 2001.

PELBART, Peter Pál. *A vertigem por um fio: políticas de subjetividade contemporânea*. São Paulo: Iluminuras, 2000.

### JORNAIS:

GRAMMA Teresina: mimeografado, fevereiro de 1972 ed. Nº 1

HORA FATAL, Teresina, 18 de junho de 1972, nº 106.

BOQUITAS ROUGE, Teresina 11 de fevereiro de 1973.

### FILMOGRAFIA:

DAVI VAI GUIAR. Durvalino Couto Filho, Teresina, 1972. 18,5 minutos. Cor/Som.

VI Simpósio Nacional de História Cultural  
Escritas da História: Ver - Sentir - Narrar  
Universidade Federal do Piauí - UFPI  
Teresina-PI  
ISBN: 978-85-98711-10-2

MISS DORA. Edmar Oliveira, Teresina, 1974. 13 minutos. Cor/Som.

DEPOIMENTOS:

COUTO, Durvalino. *Depoimento* concedido a Francisco José Leandro Araújo de Castro em 11.05.2011.